

Entre o visível e o invisível, alguns tensionamentos entre o campo social e a Educação Patrimonial Contemporânea

Between the visible and the invisible, some tensions between the social field and Contemporary Heritage Education

Itamar Ferretto Comarú*
ifcomaru@gmail.com

Fabiana Ferreira Santos**
ferreirasantos81@gmail.com

RESUMO: A abundância de percepções relacionadas às culturas africanas, indígenas e imigrantes, com suas relações de memória, sentimentos, tradições, crenças e possibilidades educativas, estende-se aos mais diversos campos da sociedade. A comunicação de tais culturas, por vezes, seria assinalada com alguma subalternidade ao longo dos espaços educativos tradicionais, nos mais diversos locais de memória ou no próprio fluxo social diário. A contraposição ante a subserviência aplicada às práticas e representações culturais, a hierarquização dos capitais simbólicos, a consagração legitimadora aplicada aos patrimônios culturais concebidos como dádiva pelas elites dominantes, o exercício do poder simbólico feito visível sobre o campo educativo cultural e patrimonial levaria a exigência de um outro olhar sobre tais existências e representações. O patrimônio cultural, assim, longe das passividades cristalizadas, surge como agente simbólico do movimento humano que se entrecruza entre mundos sociais distintos, mas compartilhados, mundos em contínuo movimento. Assim sendo, o presente artigo é parte de um estudo maior, dedicado a analisar a presença afro-ameríndia em terras colonizadas por imigrantes europeus na região Nordeste do Rio Grande do Sul. Ambiciona-se, por meio do paradigma indiciário e dos pressupostos teóricos da história cultural, colaborar para que os capitais simbólicos e culturais de tais grupos sejam igualmente percebidos como relevantes em tal espaço, tradicional e pedagogicamente identificado como de imigração italiana.

PALAVRAS-CHAVE: Exú; Narrativas Dominantes; Educação Patrimonial.

* Graduado em História pela Universidade de Caxias do Sul (2008), mestre em Turismo (2011) e doutor em Educação (2020) pela mesma Universidade. Especialista em Educação Patrimonial pelo Instituto Pretos Novos/RJ. Atualmente é responsável pela diretoria de Museus e Memória - SMC da cidade de Caxias do Sul/RS. É membro titular do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPAHC) e representante suplente da Comissão Municipal de Incentivo à Cultura (COMIC).

** Historiadora. Museóloga. Mestranda em Museologia/ UFRGS, Mestranda em Educação/UCS, pós-graduada em Educação Patrimonial. Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia e Educação Especial em Deficiência Intelectual e Múltipla. Suplente no Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural e do Conselho Municipal da Comunidade Negra de Caxias do Sul - Gestão 2021/2023.



ABSTRACT: The abundance of perceptions related to African, indigenous and immigrant cultures, with their memory relations, feelings, traditions, beliefs and educational possibilities, extend to the most diverse fields of society. The communication of such cultures, at times, would be marked with some subalternity along traditional educational spaces, in the most diverse places of memory or in the daily social flow itself. The opposition before the subservience applied to cultural practices and representations, the hierarchization of symbolic capitals, the legitimating consecration applied to cultural heritages conceived as a gift by the dominant elites, the exercise of symbolic power made visible over the cultural and heritage educational field would lead to the demand for another look at such existences and representations. Cultural heritage, thus, far from crystallized passivities, emerges as a symbolic agent of the human movement that intersects between distinct but shared social worlds, worlds in continuous movement. Thus, the present article is part of a larger study dedicated to analyzing the Afro-American presence in lands colonized by European immigrants in the Northeastern region of Rio Grande do Sul. We aim, through the indicative paradigm and the theoretical assumptions of cultural history, to collaborate so that the symbolic and cultural capitals of such groups are also perceived as relevant in this space, traditionally and pedagogically identified as Italian immigration.

KEYWORDS: Exú; Dominant Narratives; Heritage Education.

Laroiê, Exu!

Um dia, em terras africanas dos povos iorubás, um mensageiro chamado Exu andava de aldeia em aldeia à procura de solução para terríveis problemas que na ocasião afligiam a todos, tanto homens como os orixás. Conta o mito que Exu foi aconselhado a ouvir do povo todas as histórias que falassem dos dramas vividos pelos seres humanos, pelas próprias divindades, assim como por animais e outros seres que dividem a Terra com o homem. Histórias que falassem da ventura e do sofrimento, das lutas vencidas e perdidas, das glórias alcançadas e dos insucessos sofridos, das dificuldades na luta pela manutenção da saúde contra os ataques da doença e da morte. Todas as narrativas a respeito dos fatos do cotidiano, por menos importantes que pudessem parecer, tinham que ser devidamente consideradas. Exu deveria estar atento também aos relatos sobre as providências tomadas e as oferendas feitas aos deuses para se chegar a um final feliz em cada desafio enfrentado. PRANDI, 2001, p. 17.

Laroiê, Exu! O mensageiro Exu¹ segue pelo caminho da busca e do movimento; escuta, considera e conecta pedidos, esperanças e histórias com os demais Orixás do panteão africano. Sabedor dos encantos e desencantos da vida, um de seus tantos domínios é a rua, com seus fluxos, encontros, movimentos, mudanças, trocas... A força de sua complexidade o faria ser sincretizado por alguns grupos religiosos como uma espécie de demônio a ser temido ou, até mesmo, combatido (PINGO, 2018). Logo, não tardaria para que tal demonização fosse aplicada aos praticantes das mais diversas religiões afro-brasileiras ou ameríndias, convertendo-

¹ Também chamado Legba, Bará ou Eleguá, segundo o antropólogo e babalorixá Rodney William Eugênio, Exú é “quem preside todas as trocas, intercâmbios, escambos, transações, negociações, interações e a circulação de bens e produtos. Exu é o princípio dinâmico, a comunicação, o movimento. Senhor da reciprocidade, da sociabilidade e de todas as relações. Mensageiro entre todos os mundos. Exu fala todas as línguas, come tudo que a boca come, bebe tudo que a boca bebe. Ordem e desordem do universo. Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. O mais humano dos Orixás vive nas encruzilhadas e mata um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje. Exu é memória, é história, é vida” (WILLIAM, 2019, p. 15).

se em ativas manifestações de preconceito e intolerância, que inferiorizam simbologias, ritualísticas, locais de culto ou espaços em que tais manifestações se fazem perceber² apontando-os como seres inferiores, adeptos de costumes primitivos ou folclóricos, vulgarizando suas percepções ao longo dos mais diversos campos sociais, políticos, culturais e educativos.

A abundância de percepções relacionadas às culturas africanas, indígenas e imigrantes, com suas relações de memória, sentimentos, tradições, crenças e possibilidades educativas, estendem-se aos mais diversos campos da sociedade. A comunicação de tais culturas, por vezes, seria assinalada com alguma subalternidade ao longo dos espaços educativos tradicionais, nos mais diversos locais de memória ou no próprio fluxo social diário. Assim sendo, a contraposição frente a subserviência aplicada às práticas e representações culturais, a hierarquização dos capitais simbólicos, a consagração legitimadora aplicada aos patrimônios culturais concebidos como dádiva pelas elites dominantes, o exercício do poder simbólico feito visível sobre o campo educativo cultural e patrimonial levaria, não sem sentido, a cantora Elza Soares (1930-2022) a bradar pela presença de “Exu nas escolas”, salientando que,

[...] às vezes não dá pra ser didático/ Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes/ Mesmo pisando firme em chão de giz/ De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica/ Presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas/ E contadas só por quem vence/ Pois acredito que até o próprio Cristo era/ Um pouco mais crítico em relação a tudo isso/ E o que as crianças estão pensando? (KIKO DINUCCI; EDGAR, 2018).

A cidade cultural, em meio às múltiplas relações sociais, simbologias, saberes e fazeres, tanto revigora o corpo social quanto prolonga consagrações ou sacralizações diversas. Logo, percebe-se que o questionamento da cantora expõe tensões e complexidades observadas ante o dinamismo das cidades e seus espaços educativos, com sua multiplicidade de consciências, linguagens e pensamentos, pois, na mesma potência e dinamicidade, ela seleciona, esquece ou silencia acerca das multiplicidades sociais institucionalizadas postas ante a existência do outro, uma existência, por vezes, controversa e insubmissa, tal qual seria a própria representação de Exu. Ao pautar sua existência nas relações de troca, ela também se

² Um exemplo seria a percepção do Padre Eugênio Giordani (1919 - 1985) que, na Caxias do Sul/RS dos anos 1950, ao abordar a representativa favelização da cidade, destacaria que, se os habitantes de tais espaços fossem interrogados, responderiam “um por um, [...] sem dúvida: ‘Sou católico!’”. Mas, infelizmente, a ignorância religiosa - e isto não vale somente aos marginais - é o maior mal de nossa época. Superstição, batuque, macumba e muitas outras práticas supersticiosas [...] fazem parte [...] da vida da favela” (DIÁRIO DO NORDESTE, 19/08/1951, p. 14).

constituiria mediante o uso da linguagem oral, escrita ou material, pois, como afirma Paulo Freire (2016), não seria “no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2016, p. 134), com a sagacidade de olhares outros, tomados de experiências, análises e possibilidades, mesmo sobre aquilo que não seja explicitamente dito, percebido ou contemplado, tal qual a mitológica trama social apresentada por Prandi (2001), em que Exu observava, ao passo que interligava sujeitos, objetos, memórias e cotidianos a fim de empreender sua

[...] pacientíssima missão, [de modo que] o Orixá mensageiro tinha diante de si todo o conhecimento necessário para o desvendamento dos mistérios sobre a origem e o governo do mundo, dos homens, da natureza, sobre o desenrolar do destino dos homens, mulheres e crianças e sobre os caminhos de cada um na luta contra os infortúnios que a todo momento ameaçam a cada um de nós, ou seja, a pobreza, a perda dos bens materiais e de posições sociais, a derrota em face do adversário traiçoeiro, a infertilidade, a doença, a morte (PRANDI, 2001, p. 17).

Logo, tanto o Orixá quanto Freire revelam que seria pela percepção das existências, pelo fortalecimento das relações de troca, pelo respeito ao simbólico do outro, pelos mais diferentes trabalhos e ações educativas desenvolvidas, mas de igual modo pelas festividades plurais, manifestações de alegria e culto à vivacidade das existências que, igualmente, se poderia pensar em possibilidades educativas conectadas com o movimento humano e a historicidade da vida. Além disso, o que esses relatos parecem anunciar é a relevância da historicidade complexa, a interpretação que parte do indício, o olhar que se pauta tanto na pluralidade social quanto nos pretéritos registros urbanos que revelam a importância de se perceber a vida, os traços culturais dos grupos, a pesquisa e a comunicação que abordam as existências e o próprio “bem cultural propondo hipóteses sobre o que significa para o indivíduo, buscando um movimento de recriação e reinterpretação das informações, conceitos, significados e sentidos nele contidos” (CABRAL, 2012, p. 43).

Assim, a cidade, um dos tantos locais em que a presença de Exu se faria presentificada, com suas infindáveis entrelinhas urbanas e simbólicas, visíveis ou invisíveis, constituidoras de pertencimentos, riscos, lutas e diversidades seria, talvez, um dos mais importantes palcos para a Educação contemporânea. Em tal espaço, dentre tantas possibilidades educativas decorrentes das relações de percepção ou troca, histórias e culturas mostram-se efervescentes ao exporem “testemunhos que revelam os diversos momentos da vida humana, dos modos de produção, da técnica e da sociedade” (SCIFONI, 2012, p. 32), algo próximo ao pensar de Abreu (2015), quando aponta para a existência de tantas vozes a reverberar nas

[...] ruas, nas praças, nas favelas, nas igrejas, nos centros de candomblé, nas festas populares, nas procissões, nas romarias, nas vaquejadas, nas feiras, nos ônibus, nos aviões, na vida que pulsa em permanentes movimentos de contração e expansão, de permanência e mudança... Por que os museus insistem numa única versão dos fatos, dos acontecimentos, das experiências dos homens, das mulheres, das crianças? Existem tantas... São tão plurais e instigantes... (ABREU, 2015, p. 14).

Há, nesses locais, como destaca Chagas (2015), uma “gota de sangue”, sangue porque há vida, emoção, movimento, tensões... Sangue que também coagula, cristaliza ou seca. Ao percebê-lo desidratado, poderíamos incorrer no erro de acreditar que as memórias ali representadas seriam únicas; que museus, monumentos ou paisagens culturais apresentariam somente uma possibilidade discursiva, que a cidade plural seria singular, permeada de legados ímpares a serem incessantemente enaltecidos, que as ações educativas³ produzidas em tais espaços não precisariam repensar ou reinterpretar tais campos ou mesmo indagar se as sociedades de hoje seriam as mesmas de ontem, tamanho o seu grau de representação. Desse modo, tais espaços, ao invés de problematizar a vida em movimento, acabariam por enaltecer⁴ um único e seletivo tempo que foi uma espécie de ‘memória do poder’ (Chagas, 2015), responsável pelas ‘produções culturais’ agora representadas. Assim sendo, a predisposição em celebrar tais memórias acabaria por instituir

[...] acervos e coleções personalistas, etnocêntricas e monológicas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas ou a reprodução museológica do universal; como se pudessem expressar a realidade em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e excludência (CHAGAS, 2015, p. 32).

Uma Educação pautada por tais caminhos apresentaria possibilidades importantes para celebrar a continuidade de ideias e ideais comuns ao campo de poder local... Paradoxalmente, em alternativa contrária, poderia ser útil para encorajar tanto a mudança quanto a emancipação

³ O Brasil passou a empregar a expressão Educação Patrimonial a partir dos anos 1980. Originária de experiências educacionais inglesas que se valiam dos museus e monumentos históricos, Mário Chagas salienta que, sem tal nomenclatura, procedimentos pedagógicos seriam realizados nos Museus brasileiros desde o século XIX. Foi recentemente que a EP ultrapassou os muros dos museus, generalizando-se num amplo campo das instituições patrimoniais, de cultura e memória, escolares e organizações civis. Superada a centralidade de acervos e construções, ela seria percebida como possibilidade de compreensão das cidades polifônicas, com suas múltiplas leituras e interpretações, por meio de estratégias educativas. Adaptado de Scifoni, 2012.

⁴ “Os objetos, para aqueles que alimentam estes modelos museais, são coágulos de poder e indicadores de prestígio social. Distanciados da ideia de documento, querem ser apenas monumentos. O poder [...] nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem *locus* próprio e vida independente. Não se considera [...] que o poder não está concentrado em indivíduos ou grupos sociais, e sim distribuído entre os diversos feixes (linhas de teia) de relações que interligam os seres com os outros seres, e os seres com as coisas e com o mundo” (CHAGAS, 2015, p. 32).

das existências - uma espécie de pedagogia do conflito (Gadotti, 1985) -, complexificando o campo sociocultural das localidades por meio das mais diversificadas memórias, representações e contextos sociais.

Logo, a proposição de ações educativas que dialoguem com políticas públicas polifônicas e multiculturais, flexíveis e renovadoras, que viabilizem a inclusão das existências plurais perceptíveis nas mais diferentes cidades e que determinam a “escolha de estratégias e a forma como se estruturam as ações educativas. É uma tomada de posição política do que deve ser o papel da Educação e, portanto fundamental aos [...] projetos de Educação Patrimonial, na medida em que se torna o eixo estruturante das ações” (SCIFONI, 2012, p. 32). À vista disso, questionar o universo dos patrimônios culturais desiguais também seria tarefa da Educação Patrimonial pois, seria necessário

[...] explicar as condições nas quais determinadas hegemonias se legitimam perante a sociedade. O patrimônio não é um objeto dado, cabendo ao poder público apenas a tarefa de reconhecer um valor intrínseco; ele é produto de uma escolha que pode aparecer historicamente como imposição simbólica para afirmar determinadas hegemonias. Neste sentido pode ser instrumento para reprodução das relações de dominação e de desigualdade social. Isso não significa, de forma alguma, desconsiderar o conjunto de bens já constituído, jogar tudo fora, mas enxergar esse nosso legado a partir de outras perspectivas mais problematizadoras e críticas (SCIFONI, 2012, p. 34).

Indissociável aos saberes e fazeres testemunhados pela presença, mesmo que simbólica, do outro, uma Educação Patrimonial Crítica alavancaria a contraposição ante as consagrações, vivenciando, respeitando e problematizando existências e dignidades percebidas para além de sedimentadas⁵ representações ideológicas historicamente consolidadas. Caso contrário, como destaca Chagas (2015), museus, patrimônios ou paisagens culturais⁶ constituir-se-iam em “espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que

⁵ Os objetos, para aqueles que alimentam estes modelos museais, são coágulos de poder e indicadores de prestígio social. Distanciados da ideia de documento, querem ser apenas monumentos. O poder, por seu turno, nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem *locus* próprio e vida independente. Não se considera [...] que o poder não está concentrado em indivíduos ou grupos sociais, e sim distribuído entre os diversos feixes [...] de relações que interligam os seres com os outros seres, e os seres com as coisas e com o mundo (CHAGAS, 2015, p. 32). Para além dos museus, percebemos a validade de tal pensamento para os patrimônios culturais como um todo.

⁶ Aqui percebida como o “meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com o homem, passíveis de leituras espaciais e temporais” (CARTA DE BAGÉ, 2007, p. 02). A paisagem cultural incorporaria os mais diversos aspectos e possibilidades do “patrimônio (cultural, natural, ambiental urbano, material e imaterial)” além de correlacionar os “conceitos de memória, história e cultura aos conceitos da geografia, sociologia, antropologia, arqueologia, arquitetura, urbanismo e ecologia” (FIGUEIREDO, 2012, p. 265).

importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos” (CHAGAS, 2015, p. 32). Percebe-se que, tal qual a multiplicidade de entendimentos relacionados a Exu, os patrimônios culturais poderiam ser identificados como fragmentos de um todo social, tomados por pequenas ou grandes contextualizações, educadores, se problematizadas; úteis para potencializar o turismo cultural, caso a localidade credite-lhes relevância afetiva para depois percebê-lo como uma espécie de produto cultural a ser comercializável.

As questões relacionadas aos patrimônios culturais, entretanto, envolveriam negociações e conflitos capazes de desvelar ou acentuar problemas sociais, políticos e econômicos em suas mais diversas ordens e potências, como salienta, por exemplo, a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), ao manifestar-se perplexa ante as manifestações do atual Presidente da República do Brasil⁷ que, em meio a determinada reunião ministerial, exprimiu sua decepção ao declarar que importantes obras estruturais necessárias ao país encontrar-se-iam paralisadas por ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, condicionando sua fala⁸ à opinião de que tais entraves seriam decorrência de algum “cocô petrificado de índio”. Como solução, o então ministro do Meio Ambiente aconselharia o governo a aproveitar-se⁹ tanto do contexto global decorrente da pandemia de COVID-19 quanto da cobertura jornalística desenvolvida pela imprensa

[...] para ‘ir passando a boiada e mudando todo o regramento’ [...] [do] Iphan, Ministério da Agricultura, Ministério do Meio Ambiente, de ministério disso e daquilo. [...] é hora de unir esforços para dar de baciada a simplificação”. Completando, o Ministro da Educação, Abraham Weintraub afirmou [...] que odeia “o termo povos indígenas, odeio esse termo, odeio. Ou povos ciganos. Só tem um povo nesse país [...] é povo brasileiro [...] acabar com esse negócio de povos e privilégios” (SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - SAB, 23/05/2020).

Tensionamentos semelhantes ocorreriam continuamente ao longo de estados e municípios, evidenciando que muitos gestores e cidadãos ignoram ou desconhecem tanto a

⁷ Tal crítica já havia sido feita na inauguração de uma obra rodoviária no RS onde ele bradou que “encontrar ‘cocozinho em índio’ impede a realização de obras. [...] ‘Há anos o terminal de contêiner do Paraná [...] não sai do papel porque precisa agora também de um laudo ambiental da Funai. O cara vai lá e se encontrar, já que tá na moda, um cocozinho petrificado de em índio, já era, não pode fazer mais nada ali’ [...] ‘Temos que acabar com isso no Brasil, integrar o índio à sociedade e buscar o projeto pro Brasil’. In: g1.globo.com/rs/rio-grande-dosul/noticia/2019/08/12/bolsonaro-diz-que-cocozinho-petrificado-em-indio-impede-licenciamento-de-obras-em-passage-pelo-rs.ghtml

⁸ https://www.sabnet.org/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=900

⁹ No momento em que desenvolvemos este estudo, mais de 16.000.000 de brasileiros foram contaminados e o número de mortos gradualmente se aproxima de meio milhão de pessoas. Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/04/brasil-registra-1184-novas-mortes-por-covid-em-24-horas-e-total-passa-de-470-mil.ghtml>

fluência quanto as possibilidades advindas dos patrimônios culturais brasileiros. Assim, exibiriam o lado oposto da sacralização patrimonial, enaltecendo a negação da relevância cultural, a indiferença e a própria indignação de se ver pressionado a preservar algo que já não consideram representativo de si. O que também parece existir é que, por vezes, tais tensionamentos abandonariam os debates pautados pela percepção da transformação das sociedades contemporâneas, atentas à diversidade e à representatividade, para evocar preconceitos e discursividades ofensivas e ultrapassadas ante a potência do campo cultural-existencial e ao próprio fluxo do tempo.

Assim, percebe-se que pouco ou nada seria digno de preservação por sua simples existência, de modo que os preceitos atribuídos a tais bens culturais dão-se como fundamentais para sua preservação momentânea, visto que cada sociedade, produtora de seu presente, por vezes, reduz os referenciais da sociedade que a antecedeu, acarretando o surgimento de um novo e amplo conjunto de representações sociais, materiais e imateriais. Como salienta Leniaud (1998), não bastaria “agir, pensar e criar para produzir patrimônio. É também necessário transmiti-lo. É sobretudo preciso que o herdeiro o aceite” (LENIAUD, 1998, p. 335).

Ambivalentes, nota-se que a potência dos patrimônios culturais iria para muito além do visível, atuando como elemento fragmentário das ancestralidades, aspectos ou sinais de tempos sociais que ‘foram’, representatividades múltiplas, permeadas de sentimentos e renascimentos, que falariam sobre mundos passados, mas que também poderiam aproximar experiências, atuando tanto como mediadores no tempo presente quanto indicariam prospecções de futuro ante a percepção de que o patrimônio cultural não poderia ser compreendido somente como um culto aos mortos, mas que, por meio deles, se produza conhecimento e a valorização polifônica e celebrativa do território que entrelaçam espaços diferenciados, características comuns, simbolismos e experiências sociais. O patrimônio cultural, assim, longe das passividades cristalizadas, surge como agente simbólico do movimento humano que se entrecruza entre mundos sociais distintos, mas compartilhados, mundos em contínuo movimento.

Percebe-se que, tal qual Exu, a força da cultura e da educação chegam primeiro... elas permitem que adentremos em tais campos em busca da dinâmica representativa das existências, na energia das ruas, na circulação das culturas, com suas mais variadas e intensas inquietações. Observá-las, hoje, acena para o movimento das memórias coletivas, as relações de troca entre as sociabilidades e a possibilidade de análise histórica das presenças e representações de si ao

longo dos espaços urbanos e culturais. Como se costuma dizer, Exu matou o pássaro ontem com a pedra que jogou hoje... Assim sendo, tem-se aqui o ofício de historiadores e educadores que se encontram dispostos tanto a problematizar quanto a comunicar a complexidade de espaços, tempos e memórias que se fariam perceber nos mais diferentes palcos urbanos.

Assim sendo, a Educação Patrimonial pode atentar para historicidades, memórias e indícios percebidos ao longo do campo social e cultural quanto pelas possíveis ausências e invisibilidades, por vezes, institucionalizadas. O grande palco para o desenvolvimento dessa obra é a Cidade em sua perspectiva cultural e seus mais diversos espaços educadores, dentre os quais poderíamos mencionar os museus, as praças, as ruas, os arquivos e os monumentos. Pouco importa que tais cidades sejam percebidas como importantes cidades globais ou pequenas cidadelas localizadas na periferia do capitalismo globalizado... Independente de suas dimensões territoriais, origens históricas, manifestações folclóricas, adensamentos populacionais ou índices de desenvolvimento humano, tais espaços elevam-se como universos plurais, espaços educadores, continuamente transformados pelas mais diversas relações humanas que revolucionam, ensinam ou transformam os mais diferentes pensamentos e ações de seus habitantes ou visitantes. O campo histórico e cultural das Cidades oportuniza a problematização de abundantes temáticas, inquietações e possibilidades educativas que se entrecruzam tanto com a pluralidade das existências sociais quanto com as suas lutas pelos processos celebrativos e representativos de memórias e projeções culturais. Ali, também afloraram tensões, disparidades e dificuldades de toda ordem que se fariam perceber ao longo do que poderíamos chamar de uma espécie de ‘zonas do não ser’ (FANON, 2021), espaços onde presenças não são visualizadas, existências apagadas e possibilidades educativas submetidas ao princípio da ausência ou exclusão.

A Educação Patrimonial surge importante em tal contexto, pois colabora para a diluição de polêmicas, rejeições ou intolerâncias das mais diversas ordens. Além disso, pode problematizar algumas questões históricas relacionadas aos diferentes grupos sociais que habitam os mais diferentes espaços das cidades, com suas representatividades multiculturais e étnicas, seus saberes, fazeres, crenças e mitologias observados ao longo dos mais diferentes espaços. Ao se perceber tais existências, trabalhamos para que a Educação ganhe ainda mais força, representatividade, acolhimento e importância ao ampliar visões e leituras sobre o mundo social pretérito ou contemporâneo e seus patrimônios culturais.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Apresentação: Dois Mários e um sem-número de museus polifônicos. In: CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade/ Mário de Souza Chagas*. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2015. p 15-22.

CABRAL, Magaly. Educação Patrimonial x Educação Museal? In: *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade/ Mário de Souza Chagas*. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2015.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.

FIGUEIREDO, V. G. B. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? *Paisagem e Ambiente*, n. 32, p. 83-118, 2012.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*, Salvador: EdUfba, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

G1 RS - *Bolsonaro diz que 'cocozinho petrificado em índio' impede licenciamento de obras em passagem pelo RS*. In: g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/08/12/bolsonaro-diz-que-cocozinho-petrificado-em-indio-impede-licenciamento-de-obras-em-passagem-pelo-rs.html

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo, Cortez, 1985.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Carta de Bagé ou Carta da Paisagem Cultural*. Rio Grande de Sul, 18/08/2007.

LENIAUD, Jean-Michel. O patrimônio recuperado: o exemplo de Saint-Denis. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Editorial Estampa, Lda, Lisboa, 1998.

PINGO, Lisandra Cortes. *Uma análise das múltiplas faces de Exu por meio de canções brasileiras: contribuições para reflexões sobre o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira na escola*. USP, SP, 2018. In: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07112018-135629/pt-br.php>

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - *Nota da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) em defesa do Patrimônio Arqueológico Brasileiro*. In: https://www.sabnet.org/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=900

SCIFONI, Simone. Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema. In: *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. Átila Bezerra Tolentino (Org.). João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

SOARES, Elza. *Exu nas escolas. Álbum: Deus é mulher; DeckDisc*, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw>, Acesso em 12 fev. 2022.